



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

LUIZ FERNANDO FERREIRA MOREIRA

**O CONTO “O CAÇADOR”: UMA SIGNIFICAÇÃO ACIONADA PELO GOVERNO
COLLOR**

**Guarabira
2019**

LUIZ FERNANDO FERREIRA MOREIRA

**O CONTO “O CAÇADOR”: UMA SIGNIFICAÇÃO ACIONADA PELO GOVERNO
COLLOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Graduação em Letras-Português, pela Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, Campus III.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Neni de Freitas.

**Guarabira
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M835c Moreira, Luiz Fernando Ferreira.

O conto "O caçador" [manuscrito] : uma significação acionada pelo governo Collor / Luiz Fernando Ferreira Moreira. - 2019.

30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2019.

"Orientação : Profa. Dra. Maria Neni de Freitas , Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Literatura Paraibana. 2. Autor Contemporâneo. 3. Conto. 4. Crítica. I. Título

21. ed. CDD B869.3

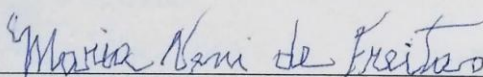
LUIZ FERNANDO FERREIRA MOREIRA

**O CONTO "O CAÇADOR": UMA SIGNIFICAÇÃO ACIONADA PELO GOVERNO
COLLOR**

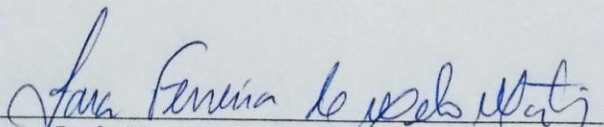
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciatura em Letras.

Aprovado em: 28/11 /2019

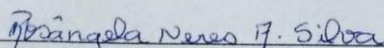
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Neni de Freitas
Orientadora



Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins
Examinadora



Profá. Dra. Rosângela Neres Araujo da Silva
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a Deus, primeiramente, já que sem sua ajuda jamais teria chegado tão longe nesse curso. Os caminhos e cada uma das etapas desses anos de curso foram difíceis, mas com muita fé consegui chegar aonde cheguei.

Agradeço sobre tudo aos meus pais, Marcos e Edileuza, e a minha irmã, Andressa, por sempre acreditaram em mim e no meu potencial para chegar ao término desse curso. Não poderia decepcioná-los, já que me tornei o primeiro da família a conseguir a conclusão de um curso superior.

Agradeço também a todos os meus colegas da turma de Letras 2015.1, graças a eles os anos de curso foram os melhores possíveis. Hoje, os considero mais do que colegas, e mais ainda do que só amigos. Criamos hoje e para sempre um vínculo que posso, verdadeiramente, chamar de minha segunda família.

Não poderia de forma alguma deixar de lado, meu profundo agradecimento a cada professor que passou pela minha vida acadêmica e que contribui em maior e em menor grau para o meu crescimento como pessoa e como futuro professor. Só tenho a agradecer tudo o que fizeram por mim direta ou indiretamente.

Claro, também, um agradecimento imenso aos meus eternos amigos e companheiros de todas as horas, Juvenal e Marta; fizemos muitas coisas juntos: rimos, apoiamos uns aos outros, compartilhamos ótimos momentos. Obrigado por fazerem parte da minha vida, jamais deixarei que saiam dela.

E por fim, e não menos importante, gostaria de dar os meus mais sinceros agradecimentos a minha querida Professora e Orientadora, Maria Neni. Obrigado, por tudo o que fez por mim antes e depois de se tornar a minha orientadora. Simples palavras não podem expressar o quão grato estou por sua pessoa contribuir de maneira tão genuína na minha vida acadêmica. Só tenho a agradecer-lhe mais e mais. Muito obrigado por tudo.

O CONTO “O CAÇADOR”: UMA SIGNIFICAÇÃO ACIONADA PELO GOVERNO COLLOR

Luiz Fernando Ferreira Moreira

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo mostrar a importância da Literatura Paraibana, assim como, dar destaque a um autor pouco conhecido no cânone literário, o valioso escritor paraibano da contemporaneidade, Rinaldo de Fernandes. Foi assim que optamos pela obra de Rinaldo de Fernandes, por sua crítica, muito presente nas suas obras. O texto do nosso estudo é o conto “*O caçador*” do livro que tem o mesmo nome. Para se atingir os objetivos desse trabalho, usamos como aporte teórico: Moisés (2007), Candido (2005), Brait (2006) e Gotlib (2006); e como base histórica Malta (2014) e Villa (2016). Dessa forma, consideramos no conto o ambiente histórico, a fim de enxergarmos sua significação crítica e o contexto histórico presentes em “*O caçador*”. Como procedimento para analisar o objeto de estudo, o conto, metodologicamente de maneira inicial introduziu-se um pouco sobre os aspectos do conto, e logo após dar início a uma análise na qual primeiro expomos os aspectos históricos da época do conto, foi feita em sequência uma explicação teórica da análise do conto que foi dividido em três momentos, sendo feita essa divisão do conto em momentos, procuramos assim facilitar a comparação da crítica simbólica em seu meio com a realidade histórica. E para esclarecer o que pretendemos, esta pesquisa tem o objetivo de analisar o conto de maneira que possamos expor o seu simbolismo crítico com a realidade. Logo, O que irá ser feito nesta pesquisa se justifica pelo fato que procuramos: demonstrar a crítica presente na obra e valorizar a literatura paraibana, tendo em vista a escassez de análises nessa área.

Palavras-chave: Literatura paraibana, autor contemporâneo, conto, crítica.

ABSTRACT

This research aims to show the importance of Paraíba Literature, as well as highlighting a little known author in the literary canon, the valuable contemporary Paraíba writer, Rinaldo de Fernandes. This is how we chose the work of Rinaldo de Fernandes, for his criticism, very present in his works. The text of our study is the tale "*The Hunter*" of the book of the same name. To achieve the objectives of this work, we used as theoretical contribution: Moses (2007), Candido (2005), Brait (2006) and Gotlib (2006); and as historical base Malta (2014) and Villa (2016). Thus, we consider the historical environment in the tale, in order to see its critical significance and the historical context present in "*The Hunter*". As a procedure to analyze the object of study, the tale, methodologically initially introduced a little about the aspects of the tale, and soon after beginning an analysis in which we first expose the historical aspects of the time of the tale, was made in Following a theoretical explanation of the analysis of the short story that was divided into three moments, and this division of the short story is made in moments, we seek to facilitate the comparison of symbolic criticism in its midst with historical reality. And to clarify what we want, this research aims to analyze the tale so that we can expose its critical symbolism with reality. Therefore, What will be done in this research is justified by the fact that we seek: to demonstrate the criticism present in the work and to value the Paraíba literature, in view of the lack of analysis in this area.

KeyWords: Literatura paraibana, autor contemporâneo, conto, crítica.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. RINALDO DE FERNANDES E SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA	11
3. ANÁLISE DOS ASPECTOS HISTÓRICOS, SIMBOLIZANDO O GOVERNO EM <i>O CAÇADOR</i>	12
4. DESDOBRANDO A SIGNIFICAÇÃO POR TRÁS DE <i>O CAÇADOR</i>: OS TRÊS MOMENTOS DO CONTO	14
4.1 Primeiro momento: o início estranho e tranquilo de tudo	16
4.2 Segundo momento: surpresa para os estranhos inquilinos	22
4.3 Terceiro momento: um desfecho inesperado	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
6. REFERÊNCIAS	30

1. INTRODUÇÃO

O conto “*O caçador*”, escrito por Rinaldo de Fernandes, que é o nosso objeto de estudo, foi escrito no ano de 1991, época que estavam constantemente surgindo polêmicas e denúncias de corrupção do então governo de Fernando Collor. *O caçador* retrata a história de dois indivíduos, que de maneira bem peculiar, resolvem morar na casa mais imponente do bairro onde se encontram. Durante algum tempo, eles desfrutam das mordomias e dos luxos que esta casa lhes proporciona, em meio a isso, há o dono da casa trancado em seu quarto cuidando das suas vestes de caçador. Depois de algum tempo, subitamente, o dono da casa um dia se prepara para uma inusitada caçada, ele que até então não havia dado conta dos seus estranhos “inquilinos”, começa a vasculhar a casa em busca das suas duas prezas. Durante certo período ele fica nessa árdua busca sem encontrar nada, às vezes até passava perto de emboscar sua caça, mas no fim, não lhe rende de nada sua caçada e acaba que por abandonar as suas roupas de caçador que ele tão cuidadosamente cuidava com certo zelo, e passa a praticar alpinismo.

O conto transpassa a ideia de uma história um pouco fora do normal, ou talvez nem tão anormal assim. Pois, se investigarmos mais afundo e prestarmos um pouco de atenção, iremos notar que, por trás de todo o seu enredo há uma série de significados e simbolismos, ocultos como uma forma de crítica literária da realidade da época de sua criação. O conto apresenta aos moldes da ficção, quase uma paródia sobre o governo da época, durante o ano de 1991, principalmente nas conclusões do autor, no final do conto.

Essa representação simbólica do contexto de sua época se justifica, justamente, porque as cenas e comportamento de seus personagens – que serão analisadas mais a frente – são bem fora do comum e prendem à atenção do leitor. Porém, isso em si não é uma justificativa, mas sim, uma série de “ganchos” que o autor nos deixa para que possamos desvendar, a nossa maneira, o que há por trás disso. Essa impressão/suspeita se dá pelo fato de que em algumas partes do conto escondem-se significados ocultos e o próprio comportamento dos personagens já é bastante proporcional a uma análise mais aprofundada.

O próprio espaço em que se desenvolve a casa (a sua descrição e as características de onde se encontra) chama a nossa atenção e curiosidade. Uma das pistas deixadas pelo autor em seu enredo são os dois estranhos inquilinos, o título do conto, o comportamento e

a data no seu final; são todas “migalhas” para despertar uma parte reflexiva em nossas mentes.

O conto de Rinaldo de Fernandes é aquele tipo de história que deixa o leitor com muitas interrogações em mente querendo respostas, e segundo Gotlib (2006, p. 20), “*O que pretende o autor? aterrorizar? encantar? enganar? Já havendo selecionado um efeito, que deve ser tanto original quanto vívido, passa a considerar a melhor forma de elaborar tal efeito [...].*”, segundo nossa pesquisa, certamente, o que Rinaldo de Fernandes buscava em seu texto é expor a realidade na qual vivia como cidadão brasileiro durante os anos iniciais do governo Collor, demonstrando de forma simbólica os problemas e denúncias da vida social e política.

Agora, se formos nos perguntar sobre o contexto histórico da época do conto: como isso se encaixa? Autores muitas vezes não deixam de criticar algo em suas obras, como uma maneira de expor claramente a situação, mas com um método diferente e criativo. Rinaldo de Fernandes, não é uma exceção, o autor em suas obras põe em xeque muitos assuntos do cotidiano, são típicas temáticas-chave as quais ele desenvolve em seus contos. O conto “*o caçador*” foi escrito logo que começaram as denúncias de corrupção do governo Collor e isso é algo posto em destaque nas orelhas do livro de mesmo nome onde o conto se encontra. O conto se desenvolve ao longo de apenas cinco páginas, mas todo o seu interior deixa em destaque a visão e crítica de seu autor, sendo assim, tudo isso vem a ser a nossa justificativa do “porque” termos escolhido o conto como nosso objeto de estudo.

Como o próprio autor deixa em destaque em seu livro o contexto histórico daquele tempo, esta pesquisa, basicamente, tem a missão de metodologicamente: compreender o conto (seu enredo e personagens) assim como também seus significados simbólicos de maneira que levemos em conta, como disse anteriormente, o seu lado histórico da época em que foi escrito. E para que isso ocorra, preferimos dar início a nossa análise com os aspectos históricos do governo Collor que estão simbolizados no conto, e logo após, dividir o conto em três momentos, mas não sem antes dar uma breve explicação sobre o desdobramento da significação de tais momentos. No final de toda essa pesquisa analítica iremos falar se os nossos objetivos foram ou não alcançados e expor o nosso resultado.

Primordialmente, foram dois os motivos pelos quais fizemos essa pesquisa: primeiro, as ideias e pistas estão expostos, mas não estão desenvolvidas de uma maneira geral, e como objetivos gerais de nossa pesquisa temos a tarefa de analisar o conto “*O caçador*” de acordo com suas pistas, expor seu simbolismo e dar destaque “ao todo” que

era o governo da época. E segundo particularmente, trabalhos acadêmicos envolvendo a literatura paraibana de autores mais diversificados são bem mais escassos do que deveriam, e esse trabalho tem a tarefa de ser mais um documento de suma importância para essa área quase nada explorada. Sendo assim, a pesquisa que segue a partir dos próximos capítulos tem o dever de ressaltar a importância de se trabalhar a literatura paraibana, assim como também, trazer algo inédito que nunca foi trabalhado até o momento no campus III da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) de Guarabira.

2. RINALDO DE FERNANDES E SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA

Antes de irmos direto ao foco de nossa pesquisa, vimos como necessário esclarecer quem é Rinaldo de Fernandes e como este trabalha em suas produções. Passou alguns anos de sua vida em Fortaleza, no Ceará, onde veio a graduar-se em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Ainda jovem, escreveu para jornais cearenses, como o *Diário do Nordeste* e *O Povo*. Atualmente, mora em João Pessoa, fez mestrado em Literatura Brasileira, e é doutor em Letras. Atualmente, ainda Professor da Universidade Federal da Paraíba, Campus I.

Para termos uma noção de quem é Rinaldo de Fernandes como escritor, vale destacar que em uma entrevista desse ano de 2019 ao blog *Como Eu Escrevo*, dirigido por José Nunes, o narrador de “*O caçador*”, fala que escrever para ele, é uma necessidade diária e se descreve como um escritor que trabalha cada parágrafo exaustivamente até sentir sua conclusão. E quando o assunto se trata de ideias novas para as suas produções, ressalta que não há hora e nem lugar, e procura sempre registrar tais ideias, porque segundo ele “*Toda ideia, potencialmente, para mim, dá um texto*”. Assim, podemos ter uma pequena noção de como é Rinaldo de Fernandes.

Em uma matéria feita por Rinaldo pelo *Prêmio de São Paulo de Literatura 2009*, o escritor indaga que o mundo é cheio de mistérios a serem decifrados e que para isso ocorrer, as pessoas precisam ser curiosas e saciar essa curiosidade por meio da leitura, ou outros meios. Rinaldo expõe que as pessoas necessitam ser desconfiadas, pois “*O mundo é para desconfiar*”. Por fim, esclarecido esse seu pensamento, previamente, voltamos nossa atenção para o conto “*O caçador*” que é objeto da nossa pesquisa. É fato observado que o conto provoca a nossa curiosidade como leitores, e como escritor que é, Rinaldo de Fernandes sabe muito bem trabalhar esse aspecto sob a significação em seu conto, tanto que

seu colega Amador Ribeiro Neto deixa claro seu ponto de vista para nós leitores sobre o conto “*O caçador*”.

Um dos aspectos mais palpáveis do texto de Rinaldo é o relato-denúncia das atrocidades de um Estado opressor e discriminatório. Pelas referências mais imediatas, identificamos este Estado como sendo o Brasil. Mas nada impede que seus contos retratem uma situação de exploração (quase) universal e a perda (ou desencanto) das utopias sociais e individuais. As discriminações raciais, sexuais, ideológicas; a exploração da mão-de-obra escrava em nossos dias; os crimes da(s) ditadura(s); os amores não correspondidos; as insistências em viver um estilo de vida de décadas passadas; a situação da mulher pós-feminismo etc. estão todos presentes em *O caçador*. (NETO; *apud* FERNANDES, 1997)

Para deixar claro, é nessa citação de Amador Ribeiro Neto, que ele faz uma crítica ao governo federal da época do conto. E sendo assim, depois de esclarecermos um pouco sobre Rinaldo de Fernandes e sua face de produção literária, ressaltamos ainda mais o nosso dever em investigar o seu conto “*O caçador*”, de maneira em que possamos “saciar” a nossa curiosidade sob a sua criação.

3. ANÁLISE DOS ASPECTOS HISTÓRICOS, SIMBOLIZANDO O GOVERNO FEDERAL EM *O CAÇADOR*

Na história do Brasil, o ano de 1991 é bem marcante pelo fato de que o país estava vivendo diversos problemas por conta da economia da época. A crise econômica dificultava bastante a vida de cada um, por sua vez, este também foi um ano em que se deram início os escândalos envolvendo o governo do presidente Fernando Collor.

A nossa pesquisa sobre “*O caçador*”, de Rinaldo de Fernandes, tem um estudo voltado a detecção de aspectos do governo federal da época. Como o conto é tratado pelo escritor como uma alegoria política de boas vidas daquele tempo, é puramente plausível usar os relatos de Rosane Collor, já que ela própria vivenciou uma boa vida, cheia dos requintes e dos mimos, ao lado de Fernando Collor, presidente do Brasil no ano de 1991.

Para abordar aspectos do governo Collor, além do livro de Rosane, “*Tudo o que Vi e Vivi*”, trazemos relatos do renomado historiador Marco Antonio Villa que publica em seu livro “*Collor Presidente: trinta meses de turbulências, reformas, intrigas e corrupção*”, aonde ele próprio descreve que não é fácil falar sobre aquele governo, pois,

Não é tarefa fácil escrever um livro sobre a Presidência Fernando Collor. A necessidade imperiosa de manter distância do objeto obriga o pesquisador a enfrentar uma bibliografia marcada por uma leitura hegemônica daquela conjuntura histórica, variando somente em alguns matizes. O entendimento de que foi uma presidência complexa, com várias camadas — algumas, inclusive,

contrapondo-se às outras — , transforma o historiador em um verdadeiro arqueólogo da política, que tem de efetuar cuidadosos cortes estratigráficos e evitar que a predominância de uma das camadas acabe impossibilitando a compreensão do todo. (VILLA, 2016, p. 7)

O governo da época se encontra relatado em o conto “*o caçador*”. Vejamos que, o conto se desdobra em três momentos, que serão minuciosamente esclarecidos e analisados mais a frente; podendo ser classificado como: o primeiro, um momento de calma no qual estranhos inquilinos dispõem e desfrutam dos requintes de outra pessoa; o segundo, um momento climático, no qual o dono da casa, o denominado caçador, suspeita das irregularidades de sua casa e sai a procura em um tipo de caçada; e o terceiro, um momento de tranquilidade passageira, no qual as coisas a princípio se acalmam. E como aparente semelhança, o governo Collor se divide em três períodos até os desfechos do seu ano de 1991, e segundo Gotlib (2006, p. 11),

As personagens, lugares e tempos são indeterminados historicamente: não têm precisão histórica. Lembre-se do “Era uma vez...” que costuma iniciar contos deste tipo. E o conto obedece a uma “moral ingênua”, que se opõe ao trágico real. Não existe a “ética da ação”, mas a “ética do acontecimento”: as personagens não fazem o que devem fazer. Os acontecimentos é que acontecem como deveriam acontecer.

Seguindo tal pensamento, é em um conto como *O caçador* que a história da era Collor, está representada nas formas da ficção. A maior parte do seu enredo são os acontecimentos que integram a crítica no comportamento dos seus personagens. É uma alegoria repleta de caminhos a serem comparados entre o real e o fictício.

Seguindo o que fala Moisés (2007), sob uma perspectiva analítica, identificar essas semelhanças com a realidade presentes no conto é o que nos implicaria numa definição do que seria descrito como um processo de conhecimentos que envolvem a realidade da época. Essa análise feita no objeto de estudo, que é o conto “*O caçador*”, nos coloca a mercê de um conceito entre a ideia que o autor teve na elaboração de seu texto e os problemas sociais e econômicos da época de Fernando Collor.

Resgatamos partes do conto que serão analisadas e comparadas com alguns fatos e da época Collor. Para que isso ocorra de maneira coerente e de fácil entendimento, aspectos sobre a narrativa serão esclarecidos na medida em que o conto for sendo analisado.

No conto, as diversas situações ocorridas em uma casa, que é o ambiente do texto de Rinaldo de Fernandes trazem significados adversos, o próprio caçador e suas caçadas dentro de sua casa (assim como o resultado dessas caçadas) podem simbolizar um número bem grande de coisas. Mas, iremos nos focar nos aspectos considerados mais em conta para

que não nos desviássemos do nosso objetivo. Para esclarecer a seleção de tais aspectos, vale ressaltar que Moisés (2007, p. 18) defende que,

Compreendo não ser fácil a ninguém abstrair ou neutralizar seus preconceitos, temperamento, idiossincrasias, volições, fantasias, etc. durante o processo de análise literária, mas cumpre ao analista experimentar assumir a isenção requerida pelo próprio movimento da sua inteligência e sensibilidade ao interpretar o texto que sua curiosidade elegeu. Que ele, ao menos, se esforce por impedir que a deformação inerente ao ato de analisar chegue a ponto de induzi-lo a atribuir ao texto aquilo que não possui ou não pode possuir.

Seguindo os seus pensamentos, o que queremos dizer é que mesmo considerando o objeto de estudo, o conto “*O caçador*”, como analistas devemos atribuir informações de fora da obra do escritor, por isso, ao analisarmos a sua estrutura tentamos expor as ideias e situações que se encontram externas ao conto, no nosso caso seriam as críticas ao governo federal da época presentes em seu meio, que é a principal meta da nossa pesquisa. E para que isso ocorra sem problemas, como pesquisadores devemos nos focar em não trazer aspectos externos que não convém ao objeto de estudo.

4. DESDOBRANDO A SIGNIFICAÇÃO POR TRÁS DE *O CAÇADOR*: OS TRÊS MOMENTOS DO CONTO

Quando falamos do contexto histórico do governo de Fernando Collor, o que podemos dizer é que foi uma gestão presidencial marcada por mais altos do que baixos. Justamente pela crise econômica da época, onde muitos cidadãos brasileiros passavam por muitos problemas e o governo tentava contornar a crise e colocar o país de volta nos “trilhos”. Porém, o governo Collor é considerado até hoje um dos piores governos pelos quais o Brasil já passou, exatamente porque, as tentativas do governo fracassavam em boa parte das vezes, as pessoas não viam com bons olhos o governo da época, pois, ele não demonstrava que iria melhorar de imediato e tirando isso, sempre surgiam escândalos durante o governo federal de Fernando Collor. No começo do governo era apenas a crise que realmente preocupava, mas com o passar do tempo as pessoas foram perdendo as esperanças, pois, o que era de problemas e escândalos que surgiam pelo país era considerado um absurdo tremendo. Por fim, o que se pode dizer daquele tempo é que, inicialmente, o então presidente era bastante popular já que era um rosto novo na política de nosso país, mas a sua falta de resultados governamentais e os escândalos envolvendo ou

não a sua pessoa levou o seu governo a ruína, o que conseqüente levou Collor a ter o seu mandato caçado.

Quando começamos a analisar o conto “*O caçador*”, notamos que ele se encontra dividido em três momentos: o primeiro, um momento mais longo que nos demonstra os fatores, os detalhes e o comportamento das personagens em um momento mais que relaxado; o segundo, um momento mais mediano que é adornado em alguns saltos temporais que servem para caracterizar o clímax da história; e o terceiro, o mais curto que representa o desfecho do conto e que transpassa algo como uma situação de quietude.

Esses três momentos, por sua vez, representam as três fases dos anos iniciais do governo de Fernando Collor, o primeiro momento de que falamos pode ser facilmente representado pelo ano que começou o seu governo, 1990, e começo de 1991; já o segundo e terceiro momento são representados pelo final de 1991.

O conto em si, no entanto, não se refere apenas aos acontecidos daquele governo com total precisão, ele conta a sua própria maneira, um jeito de representar aquilo que aconteceu, e para que isso ocorra sem se preocupar com detalhes a mais ou a menos: “[...] *realidade e ficção não têm limites precisos. Um relato, copia-se; um conto, inventa-se [...] o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo.*”, segundo Gotlib (2006, p. 8).

Por sua vez, o conto de maneira natural, apresenta graus de proximidade e afastamento da realidade, pois, a questão principal é registrar uma realidade social e histórica que marcaram o país, sendo assim, o conto torna-se uma realidade contadora literária, que para Brait (2006), seria algo como o poder de caracterização de seu criador, que nos impõe o pensamento de proximidade do conto com o real, o que faz com que se abra um leque de possibilidades em fatores de existência.

Essas perspectivas contribuem para uma leitura de construção e reflexão, mas que para isso, é preciso estar atento para o caráter parcial, e não se perder em seu objeto de análise. Logo, em contrapartida, segundo Gotlib (2006), não é de se estranhar que a vida real modifique e transforme o conto, de acordo com a maneira pela qual lemos o conto. Em matéria de análise, se cria uma definição de como processar o conhecimento da realidade, e isso se dá pelo simples fato de que ao decompor o conto “*O caçador*” em partes fundamentais – os três momentos mencionados -, iremos nos deparar com um problema que irá nos demonstrar os objetivos, os conceitos, as ideias e os sentimentos, que assim cremos, levaram o autor Rinaldo de Fernandes a escrever de tal maneira.

O mais importante de tudo é que é o próprio conto que nos leva a adotar os procedimentos que vemos ser adequado a ele, isso se justifica pelo fato de que “*o caminho a percorrer inicia-se na obra e termina no método, não o contrário, ou seja, evidência falta de consciência crítica ou má consciência ideológica aplicar mecânica e aprioristicamente o método a qualquer obra, sem consultar-lhe antes a natureza.*” (MOISÉS, 2007, p. 21).

Para que o histórico se justifique de maneira clara, cabe-nos a tarefa de fornecer os dados necessários para justificar a visão analítica dessa pesquisa e a visão crítica que se encontra presente em “*O caçador*”.

4.1 Primeiro momento: o início estranho e tranquilo de tudo

Já no início do texto “*O caçador*”, nos deparamos com uma descrição de um dos personagens sem nome, que passava à noite pela rua:

Naquela noite entrei na estranha rua onde há quatro anos, vindo do emprego da Prefeitura, eu sempre passava. Estranha porque, entre os postes e os eucaliptos nas calçadas, eu nunca via ninguém. Como sinal de vida, apenas uma luz bêbada, aqui e ali, atrás da cortina de uma janela. (FERNANDES, 1997, p. 199).

O que podemos verificar nesta descrição feito pela personagem é a semelhança de uma rua deserta e quase que totalmente abandonada, cenário que representa a crise econômica que assolava o país durante os anos seguintes ao governo Collor, uma crise que não dava muitos sinais de melhora, e muitas pessoas se viram obrigadas a abandonar suas casas e o lugar onde viveram uma vida toda.

É uma característica marcante da era Collor, o aumento progressivo do desemprego, que foi prejudicial para população do Brasil da época. O simples fato de a personagem ter um emprego na prefeitura reflete o fato de que na época os funcionários públicos, envolvidos com política, não eram afetados pela falta de emprego. E no fim dessa observação da personagem, os pequenos sinais de vida naquela rua – a luz provinda das janelas – simbolizam as poucas pessoas que de alguma forma estão passando pela crise sem ter que abandonar os seus lares. Segundo Villa (2016), a situação do país era crítica e ele destaca a preocupação com a economia, onde temos um cenário no qual,

[...] o que importava era a economia. Os sinais eram preocupantes. O Plano Collor já parecia coisa do passado. O país estava parado. Sem reconhecer o fracasso, o governo procurava imputar à Guerra do Golfo a permanência da inflação. Ocorrera efetivamente um aumento no preço do petróleo, com

repercussões em todo o mundo, mas seria exagero responsabilizar este fator como principal causa da recessão. (VILLA, 2016, p. 76)

Esse trecho histórico, em particular, demonstra apenas uma fração dos problemas da época, onde a economia era um problema constante que não dava sinais de recuperação e o governo tentava a todo o custo se recuperar. Mas, sem muitos sinais de sucesso. Segundo Malta (2014, p. 73),

Já em 1990 começaram os rumores de que havia irregularidades na participação do ex-tesoureiro da campanha presidencial, Paulo César Farias, no governo Collor. Ao deixar a presidência da Petrobrás, Luís Octávio da Motta Veiga disse que sofria pressões de PC para favorecer empresários em licitações da estatal. Renan Calheiros também fez ataques ao vínculo de Collor com PC. Eu mesma ouvia histórias, mas não queria me meter porque tinha meus assuntos da LBA para tratar. Até o dia em que percebi que ele queria colocar suas mãos sobre a minha seara. Aí eu tive de agir. Ele e Fernando tomavam café da manhã na Casa da Dinda toda semana. Quase sempre eu estava junto. Às vezes eu só ficava um pouco e depois saía. Num desses encontros, PC começou a falar sobre as licitações da LBA, dando a entender que poderíamos privilegiar algumas empresas de interesse dele.

Nesse relato da ex-primeira dama, Rosane Collor, percebemos indícios das irregularidades da época anterior ao ano de 1991, que já demonstrava sinais de que algo estava errado com o governo atual. Nota-se também, a falta de interesse de Rosane para com a situação do país que estava além da sua vida particular. E mesmo tendo uma ideia das intenções de Paulo César Farias, o PC, preferiu ficar alheia a tudo. Em consequência, ao analisarmos e compararmos essa falta de interesse pela parte dela, nos passa a crítica ao “desligamento” da verdade e da realidade que muitos deixavam passar despercebido na época daquele governo.

O país estava em crise naquele momento, não seria fora do comum se indagar como estaria vivendo a população, mas em contra partida Rosane Malta em seu livro deixa claro que estava vivendo uma boa vida antes de virar primeira dama, vejamos:

Logo que me casei, não sabia circular por Brasília. Por isso, Fernando comprou um carro para o motorista me levar aonde eu precisasse. Era um Ford Landau, o carro mais luxuoso fabricado no Brasil nas décadas de 1970 e 1980. Numa época em que a importação de automóveis era proibida no país, ter um Landau era muito chique. Alguns modelos já tinham, por exemplo, direção hidráulica e ar-condicionado, coisa rara por aqui. Ele foi o carro oficial da presidência até 1991, quando os dois exemplares a álcool comprados em 1982 foram trocados por ordem de Fernando. Ou seja, ter um Landau na década de 1980 era um luxo e chamava atenção. (MALTA, 2014, p. 29)

Isso por si só nos remete ao conto, vejamos que enquanto o estranho inquilino praticamente desfruta da exploração da casa, ele está alheio aos problemas do lado de fora,

a casa por ela mesma representa um ambiente intocado pela crise e repleto dos requintes que o mundo de fora não tem, pois não possui riquezas. Para isso temos uma caracterização no conto “*O caçador*”, que por destaque o primeiro inquilino é o que nos dá a ideia de um ponto de vista diferente, sendo um personagem-narrador, o primeiro estranho inquilino, é o guia que nos apresenta os seus pontos de vista. A utilização dessa personagem como uma seta que nos leva ao objetivo do escritor, Brait (2006, p. 22) ressalta que,

A condução da narrativa por um narrador em primeira pessoa implica, necessariamente, a sua condição de personagem envolvida com os “acontecimentos” que estão sendo narrados. Por esse processo, os recursos selecionados pelo escritor para descrever, definir, construir os seres fictícios que dão a impressão de vida chegam diretamente ao leitor através de uma personagem. Vemos tudo através da perspectiva da personagem, que, arcando com a tarefa de “conhecer-se” e expressar esse conhecimento, conduz os traços e os atributos que a presentificam as demais personagens.

Sem mais delongas, seguindo adiante pela narrativa da personagem, ele subitamente decide entrar na casa mais imponente e linda da rua. A partir daqui presenciamos uma ação um pouco fora do comum, ele resolve entrar na casa de qualquer maneira: “[...] Não encontrando porta aberta, ou rosto de janela, decide escalar o teto, meter-me pelos miolos das telhas. Em poucos minutos, despenquei no coração persa da sala. Poltronas graves, em meio ao peso do cortinado.” (FERNANDES, 1997, p. 200), levando em consideração o “estranho” dessa cena um pouco fora do comum, à personagem nos faz a descrição de um ambiente fora de contraste a realidade que é fora daquela casa, isso se dá pelo fato dele descrever a parte interna da casa, como algo luxuoso, fora dos padrões da vida difícil de quem estava do lado de fora.

Chega a passar um pouco despercebido, a princípio, para olhos desatentos a crítica por trás dessa cena, pelo simples fato de que: enquanto muitos passam dificuldades no mundo de fora, que representa o nosso país durante a década de 90, outros passam muito bem sem grandes preocupações. O fato de a personagem adentrar a casa de maneira que poderia ser considerada fora da lei, uma invasão de propriedade, representa uma irregularidade, fato que pode representar o início dos escândalos de corrupção do governo Collor durante o ano de 1991. A corrupção é uma irregularidade causada por um ou muitos indivíduos. O fato da casa representada no conto ostentar uma riqueza e regalias para quem nela habita também simboliza o luxo e a falta de preocupação de alguns naquele tempo. É como Malta (2014, p. 49) destaca em seu livro,

Logo depois de Fernando assumir a presidência, comecei a ser alvo de críticas porque meus gastos aumentaram. Isso é uma bobagem tremenda. É claro que eu

estava gastando mais! Afinal, eu passei a ter certas obrigações que não tinha como primeira-dama do Estado ou como esposa de um deputado federal. Uma primeira-dama do país gasta mais do que todas as outras, é óbvio!

A ex-primeira dama relata a sua vida de riqueza ao lado de seu marido, e então presidente, e não seria por menos a população e a mídia a tacharem como alvo de críticas por gastar como ela exemplifica que gastava:

Não se pode, por exemplo, comparecer a uma entrevista com um traje simplesinho. Para cada um dos eventos, é preciso pensar em um figurino diferente. E tem ainda as viagens... Um país diferente requer roupas específicas. E eu sempre gostei de boas marcas. Minha estilista preferida na época era a Glorinha Pires Rebelo. Além dela, eu adorava vestir Chanel, Dior, Gucci e Prada. Eram lojas caras, mas esse tipo de gasto nunca foi um problema para Fernando, porque ele sempre teve uma condição financeira muito boa, mesmo antes de se tornar presidente. A principal fonte de renda da família, a Organização Arnon de Mello, dava bastante dinheiro para eles. Tanto é que eu continuei com os mesmos hábitos depois que saímos da presidência. (MALTA, 2014, p. 50)

Isso em meio a nossa pesquisa nos faz ressaltar a realidade material do conto e implica em uma leitura de profundidade, uma vez que o texto literário que é “*O caçador*” é composto por uma multiplicidade de sentidos. Ler mal o conto, sem prestar a mínima atenção em seu meio, significa não perceber a extensão desses sentidos, o que causa uma falta em poder compreender e justificar os seus mistérios que levam a crítica de seu escritor.

Voltando novamente a história política que permeia o conto “*O caçador*”, como pesquisadores da literatura não podemos dispensar o conhecimento adequado dos aspectos externos a obra. Para tanto, sobre a historicidade daquela época de começo de governo, destaca Villa (2016) que,

O presidente, contudo, continuava preservado, mesmo quando denúncias chegavam ao interior do Palácio do Planalto, como no caso de Cláudio Vieira. O secretário do presidente foi acusado de impor à Petrobras Distribuidora a contratação, sem licitação, da agência de propaganda Setembro, que trabalhara na campanha presidencial de Collor. Apesar disso, dias depois, o mesmo Vieira foi designado como responsável pelo conjunto da publicidade oficial, com o estabelecimento de novas regras para as licitações. (VILLA, 2016, p. 46)

No texto de Rinaldo de Fernandes, durante a exploração do nosso estranho invasor,

[...] Olho acoplado no orifício – apenas a borda de um guarda-roupa. Peguei um outro corredor. Mais um quarto. A porta cerrada – e o pé roliço do guarda-roupa. Baratinei no labirinto de vários corredores - todos os quartos trancados. Em frente ao orifício da fechadura, sempre o guarda-roupa. (FERNANDES, 1997, p. 200)

Vemos as suas descobertas pela casa, que aparenta ser imensa. Nesse momento em específico, as portas trancadas representam algo em que ele não tem acesso, ou seja, haverá um limite para o que ele poderá ou não fazer pela casa. No caso do governo brasileiro daquele ano de 1991, esses famigerados limites, seriam sofridos pelo povo brasileiro como no caso do congelamento da poupança.

Está no conto: “*Guarda-roupa aberto, o dono da casa escovava as suas vestes de caçador*”. (FERNANDES, 1997, p. 200), essa frase em particular da fala e descrição da personagem, nada mais é do que a parte de justificação do título do conto, o caçador. Em outro trecho do conto, nos deixa claro que a personagem não quer incomodar o proprietário da casa, ou não ser descoberto pelo tal, vejamos no trecho a personagem relata o seguinte

Não o importunei. Andei em direção à cozinha. Fui a despensa – no grande quarto no Monarca, em pé sobre uma caixa [...] encaracolei pela escada que dava para o andar superior, na retaguarda da casa. Entrei na biblioteca, abri os dois quartos. Passei um bom tempo em meio àquelas dependências todas, admirando-lhes a geometria, escorrendo na varanda, abismado entre troféus. Da sacada, contemplei, além da muralha de edifícios, a planície vestida de marrom. Foi então que decidi morar na casa. (FERNANDES, 1997, p. 200)

Notasse que nesse trecho do conto a personagem continua a sua “aventura” pelas condôncias da casa e acaba que por decidindo morar na casa, se tornando um estranho inquilino que irá usufruir das regalias e do conforto que aquela casa pode lhe proporcionar.

É nesse trecho que notamos um ideal de vida bem distorcido, pois, a personagem irá se aproveitar de outro sem que ninguém saiba. Isso por si só, pode ser comparado a alguns escândalos iniciais daquele ano de 1991 do governo de Fernando Collor. Escândalos não envolvendo o presidente, mas sim outros membros do governo, que aparentemente se aproveitavam do sistema de governo para ter uma boa vida. A troca de moradia do estranho inquilino também reflete o início de governo de Fernando Collor, onde o mesmo decide por não morar no Palácio da Alvorada – residência oficial do presidente da república, para isso Rosane Malta fala que,

Uma decisão importante que tínhamos de tomar antes da posse é onde moraríamos. Os presidentes costumam se mudar para a residência oficial, o Palácio da Alvorada. Mas nós já dispúnhamos de moradia própria em Brasília. A Casa da Dinda estava montadíssima para nos receber, tinha sido reformada há pouco tempo e os empregados, todos acostumados aos nossos hábitos, estavam lá. Em contrapartida, o palácio, por mais que fosse bastante confortável, era muito formal. Era grande, cheio de funcionários que não conhecíamos, tinha segurança para todo canto e, por isso, não dava para ficar muito à vontade. Lá eu não poderia descer à cozinha de camisola no meio da noite para tomar um leite, por exemplo. (MALTA, 2014, p. 50)

Seguindo com o conto, podemos observar como esse indivíduo vai agir após a sua súbita decisão de morar naquela casa que não é sua,

Dia seguinte, quitada a pensão onde sempre vivi, transportei a mala para o quarto mais espaçoso do andar superior da casa. Chegando do trabalho, atirava-me na piscina, folheava o jornal na biblioteca. Depois, derramado na poltrona da saleta, assistia a um bom filme. O dono da casa, fechado no quarto, sequer sabia que, na sala, eu havia mudado a posição dos móveis [...]. (FERNANDES, 1997, p. 200)

O não conhecimento do dono da casa sobre o seu estranho inquilino nos faz comparar aos escândalos que ainda estavam por vir durante aquele ano de governo, falcatruas e aproveitamentos que passavam despercebidos. Eles são bem representados pelo nosso inquilino que trabalha, mas que também usufrui da casa de maneira irregular e fora dos padrões normais.

Mais adiante no texto vemos o alívio do estranho inquilino do dono da casa nunca sair do seu quarto

Não sei, mas, sempre o vigiando pelo orifício na fechadura, eu desconfiava que ele não saía do quarto para não se descuidar de suas vestes de caçador. Na verdade, isto me era motivo de satisfação, uma vez que eu podia movimentar-me sem ser importunado, pelas demais dependências da casa. (FERNANDES, 1997, p. 201)

O que nos leva a crer que ele tem um certo medo de ser descoberto, o que para encargo de consciência, nos deixa claro que ele está ciente dos seus atos ilícitos. Mas, como ele até o momento não foi descoberto, ele demonstra satisfação por que ainda pode continuar a usufruir daquela casa e suas regalias. Rosane Malta em seu livro até tece um comentário sobre aquele ano de 1991 no seu livro, onde,

O momento de calma que eu tanto almejava ainda demoraria anos para chegar. A verdade é que o ano de 1991 deu início a uma fase muito turbulenta em nossas vidas, mas nosso casamento resistiu. Em dezembro daquele ano, foi concluída a sindicância aberta por Paulo Sotero, que me sucedeu na presidência da LBA, para apurar as denúncias feitas contra minha gestão. Como era justo, ficou claro que eu nada tinha a ver com as irregularidades. Mais tarde, a Justiça também me inocentou de todas as acusações. Fiquei aliviada porque eu sempre fiz de tudo para agir corretamente. Até meu salário de presidente da LBA eu doava, não ficava com nada para mim. Eu queria que fosse tudo limpo. (MALTA, 2014, p. 70)

De súbito, somos surpreendidos pela adição de mais um estranho inquilino, o que antes era só um, se tornam dois, e observamos o pensamento do primeiro inquilino sobre o segundo *“Não fiquei perturbado. Desde que o novo morador não me viesse tirar o sossego, ele podia instalar-se no quarto contíguo ao meu, viver à vontade na casa. De fato, tomamos conta, os dois, do andar superior. Cada qual na sua, boiando no frio*

condicionado do quarto.” (FERNANDES, 1997, p. 201), percebemos, pois que desde que um não atrapalhe esta ‘boa vida’ do outro, e vice-versa, ambos podem conviver sem que abram mão ou causem um desequilíbrio nessa regalia indevida, pois não trabalharam para conseguir.

Estes personagens não se importam com o fato de dividir o luxo e o sossego provindas de um terceiro, o dono da casa. Isso se encaixa perfeitamente no âmago da corrupção daquela época e dos dias atuais, uma vez que pelo simples fato de um não se importar com a presença de outros viverem daquela maneira: remete-nos aos escândalos da época de Fernando Collor, onde muitos queriam e muitos usufruíam de regalias ilícitas, mas ninguém envolvido nesse meio denunciava outros. Sobre o presidente, Villa (2016), destaca que,

Indiferente à grave situação econômica, Fernando Collor fez questão de passar um réveillon em grande estilo. Aceitou o convite do milionário Alcides Diniz e ficou hospedado na sua mansão em Angra dos Reis. Praticou esportes e passeou de iate, tudo, como seria de se esperar, amplamente fotografado pela imprensa. Zélia e Ibrahim Eris também estiveram na cidade, hospedados na casa de um poderoso empresário. A repercussão na opinião pública foi péssima. Até Antonio Carlos Magalhães criticou: “Zélia é melhor de biquíni do que como ministra da Economia.” (VILLA, 2016, p. 84)

O estado de indiferença do então presidente arremete ao conto, por justamente este se encontrar bem alheio a situação real do país, como o dono da casa que até então não havia percebido nada de errado em sua casa. De súbito, em relação ao conto, somos expostos a “nova” realidade, que se trata dos escândalos que nos levam ao segundo momento.

4.2 Segundo momento: surpresa para os estranhos inquilinos

O segundo momento do conto inicia a partir do trecho “*Como, para nossa surpresa, o dono da casa rondava a varanda do andar superior...*” (FERNANDES, 1997, p. 201), aqui especificamente representaria as suspeitas provindas dos escândalos de corrupção e, provavelmente, começaria aqui as investigações a respeito do governo Collor do ano de 1991. O começo de tais investigações é claramente representado pelo dono da casa, que até o momento não havia feito qualquer movimento ou demonstrado qualquer suspeita sobre seus inquilinos estranhos. Para dar ênfase a esse início, vale destacar que naquele ano, segundo Villa (2016, p. 97),

o governo teve de enfrentar outro problema. Desta vez na Previdência Social. Denúncias apresentadas na Câmara dos Deputados — de aposentados contemplados mensalmente com o recebimento de cinquenta salários mínimos e de uma quadrilha especializada em falsificar documentos para o recebimento de aposentadorias, neste caso, no Rio de Janeiro — atingiram o ministério sob responsabilidade de Antônio Rogério Magri.

Este episódio foi só um dentre vários ocorridos naquele ano de 1991, e os estranhos inquilinos estando em estado de surpresa, começam a representar nessa parte do conto o que deveria se passar na mente daqueles que cometiam as irregularidades daquela época, um medo de serem descobertos. Todavia, segundo Gotlib (2006, p. 45): “*cada conto traz um compromisso selado com sua origem: a da estória. E com o modo de se contar a estória: é uma forma breve.*”, e com o modo pelo qual se constrói este seu jeito de ser, faz com que o conto crie a sua própria identidade crítica daquele governo.

A pesquisa que envolve “*O caçador*” traz à tona muito da realidade e das circunstâncias sociais e históricas que envolvem os mistérios do conto. Nesse sentido, cada personagem do conto é mais do que meras imitações do mundo exterior, e tanto ele como as cenas, presentes no conto, são algo como uma projeção e uma maneira de ser, que o escritor Rinaldo de Fernandes nos proporciona em sua obra. Voltando-se ao governo daquele ano, segundo Villa (2016, p. 102),

[...] no país, o sentimento da população brasileira era de insatisfação. Aonde pesquisas do *Datafolha* divulgavam na data de 1º de maio, indicava que, pela primeira vez, a maioria dos entrevistados (67%) se achava mais prejudicada do que beneficiada pelo Plano Collor II. Considerava que o poder de compra diminuía e que a inflação deveria aumentar, assim como o desemprego; 51% avaliavam o governo como ruim ou péssimo. Ainda em agosto, o governo encaminhou ao Congresso Nacional um projeto de lei que aumentava as penas para os servidores públicos federais acusados de atos de corrupção. O projeto era bem detalhado e buscava endurecer o combate à corrupção, isto quando já tinham surgido, ao longo de quase um ano e meio de governo, denúncias envolvendo autoridades, empresas e o esquema PC e seus derivados.

Todos esses escândalos e problematizações do governo são representados pelos dois estranhos do conto que moram na casa, sua representação é de suma importância, por que eles e demais características do conto (o como a sua história se transpassa), referem-se aos aspectos exteriores da obra, o que por sua vez nos traz à tona: primeiramente, os aspectos exteriores da obra e o contexto em que se inscreveu o conto; em segundo, os elementos formais dizem respeito à obra em si nos entrega o seu “tecido” metafórico que nos leva a técnica de composição de seu autor que representa o mundo real de uma maneira alegórica; e em terceiro, o conteúdo do conto nos traz à tona os seus mistérios que seriam dever do leitor entender a proposta crítica de seu autor.

A realidade do Brasil naquele ano de 1991 era ainda mais preocupante, que por sua vez, Villa (2016, p. 116) ressalta que,

As denúncias de corrupção continuavam a atingir o governo. O foco central era Paulo César Farias. O ex-tesoureiro considerava-se um bode expiatório: “Querem me pegar para Cristo.” E até dissertou sobre moralidade pública: “Essas denúncias de corrupção fazem parte da orquestração de pessoas que querem esse ou aquele ministério.” Disse que “se um amigo quiser saber alguma coisa nas áreas em que atuo — venda de tratores, aviões, jornal e cocos — eu ajudo. E só”. Mas não conseguiu explicar o escritório mantido em São Paulo, ocupando três andares, em bairro nobre, onde recebia empresários. Contudo, seria defendido enfaticamente pelos ministros. Um deles, João Santana, declarou que “o amigo” era “um grande empresário e um sujeito inteligente. O presidente toca o governo, e PC seus próprios negócios”.

Aquele ano, segundo Villa (2016, p. 117), marca a saída de Rosane Collor da direção da LBA, uma exigência do presidente. As acusações de desvios de verbas a deixavam politicamente exposta, tanto que corria o risco de ser convocada a depor no Congresso.

Todos esses acontecimentos são representados no conto “*o caçador*”, de maneira indireta e direta, sem expor muito devido a complexidade de fatores daquele tempo. As suspeitas do dono da casa se tornam em uma espécie de desequilíbrio daquela vida que os dois estranhos desfrutavam. Também representa a falta de equilíbrio na vida política do presidente Collor, ele que até o momento tinha sido pouco atingido pelas crises e escândalos de pais. Se formos mais um pouco a frente após a surpresa dos inquilinos, o conto segue com

Uma noite, ouvimos um barulho estranho num dos quartos do térreo. Nos dividindo no orifício da fechadura., sobressaltamo-nos. O dono da casa preparava mantimentos para uma caçada. Então, atropelamo-nos para o quarto mais próximo. Após alguns minutos, ouvimos-lhe as botas no piso duro do corredor. Ele começou a forçar-nos a porta, rústico. Saltamos a janela, refugiando-nos entre os craveiros. (FERNANDES, 1997, p. 202)

Esse trecho em especial, representa os preparativos para as investigações daquele ano do governo Collor, e em consequência demonstra e representa o pânico daqueles que não querem ser pegos por seus atos. O simples ato de se esconder comprova uma semelhança para com isso.

Durante aquele ano de governo, os escândalos surgiam aqui e ali em diferentes regiões, ministérios e pessoas envolvidas com o governo ou membros governamentais. E segundo Villa (2016, p. 122), pela primeira vez falou-se em impeachment. E por sua vez, seguimos o conto com as incessantes buscas do dono da casa, que passa a ser chamado de caçador:

O caçador, na varanda do andar superior, focinhava os quatro cantos do jardim com o binóculo. Escondidos na despensa, ele veio, deslocou caixas, quase descobrindo a perna do meu companheiro em meio às tranças dependuradas de cebola. Quando abriu o guarda-roupa de um dos quartos, apalpou-me, sem perceber, o braço dentro da manga de um paletó. (FERNANDES, 1997, p. 202)

Essa cena por si só, pode representar a constante busca por irregularidades do governo Collor, o início dos escândalos políticos da época, mas essa cena também pode representar ainda a proximidade da verdade que passou despercebida, ou que estavam visíveis, mas, difíceis de serem provados, isso se assemelha num caso em que,

No início de dezembro nova irregularidade foi divulgada pela imprensa: o ministério teria comprado 23.500 bicicletas e 20 mil filtros de um fornecedor paranaense — as Lojas do Pedro. No caso das bicicletas, por preços superiores aos de mercado em 50%. O objetivo da aquisição — realizada pela Fundação Nacional de Saúde (Funasa) — era facilitar o trabalho dos agentes de saúde, especialmente nas áreas afetadas pelo cólera.²² Os filtros — soube-se depois que eram 60 mil e também adquiridos por valores superiores aos de mercado, de acordo com a denúncia — eram para a mesma campanha. (VILLA, 2016, p. 129)

Foi um ano movimentado para a política interna, o ano de 1991 foi repleto de altos e baixos. E para marcar o término do governo daquele ano, chegamos ao desfecho do segundo momento do conto, destacado pelo trecho “*E assim, durante alguns meses, diligente, o caçador esteve no nosso encaço. Andávamos pelo subterrâneo da casa. Ratos entocados no porão.*” (FERNANDES, 1997, p. 202), esses meses representam o tempo de investigação que levou para se investigar, e como muitos fizeram questão de ocultar os seus atos. O ato de se ficar entocado como um rato representa o fato de que o presidente Collor pouco podia fazer para ir contra os escândalos de sua gestão.

4.3 Terceiro momento: um desfecho inesperado

O terceiro e último momento do conto é breve, no qual chegamos à conclusão da narrativa “*Até que, por displicência ou cansaço da procura, uma tarde o caçador pendurou a arma.*” (FERNANDES, 1997, p. 202), há aqui a representatividade das investigações da época que não renderam muitos frutos e sessaram temporariamente. Mas, segundo relatos históricos, foi uma quietude ilusória, pois o ano seguinte seria o mais problemático, 1992 seria o ano em que o governo de Fernando Collor viraria de “cabeça para baixo”, mas isso não vem ao caso nessa pesquisa.

O fato é que aquele ano de 1991 se encerra tranquilamente, sem mais escândalos, contudo, com a visão da população nada favorável para o governo, pois, segundo Villa (2016, p. 131)

A 22 de dezembro foi divulgada mais uma pesquisa Datafolha sobre a popularidade de Collor e do governo. Somente 8% dos entrevistados consideraram bom ou ótimo o desempenho do presidente, enquanto 63% o julgavam ruim ou péssimo; 82% achavam que o poder de compra caíra desde a adoção do Plano Collor, e 79% que a inflação aumentaria ainda mais, assim como o desemprego (78%).

Destacando esse detalhe histórico que cita o renomado historiador, Villa (2016), buscamos demonstrar o quanto estava desaprovado o governo federal de Fernando Collor, e além do mais, esses dados servem para que esclarecemos que, nem tudo naquele final daquele ano de 1991 era tão bom quanto para ser chamado de “tranquilidade”. Para tanto, sobre esse momento de tranquilidade, vale ressaltar um descobrimento de Rosane quando se fez consciente da situação de sua vida com Fernando Collor, após denúncias feitas pelo irmão de seu marido sobre o seu sustento,

“Durante a campanha, nós (a família) não pagávamos as contas pessoais de Fernando. As empresas também não pagavam nada. Deveria ter alguma fonte e o mais natural é que essa fonte fosse o Paulo César. Já com o Collor presidente ele (PC) continuou fazendo isso. Dizia nas festas que pagava os cartões de crédito da primeira-dama Rosane Collor. Fazia isso para demonstrar intimidade com o poder e ter facilidade para extorquir, corromper, chantagear.” (Eu não fazia ideia de que era o PC que pagava as minhas contas. Eu achava que era o Fernando, como sempre aconteceu desde que nos casamos. Eu nunca havia sequer precisado me preocupar com o saldo da minha conta no banco. Era o Fernando que cuidava disso); (MALTA, 2014, p. 75)

Este relato de Rosane Malta nos faz perceber o quão cegos alguns estavam naquela época, por que não sabiam detalhes da sua vida financeira, como a própria ex-primeira dama, que não sabiam de onde proviam o dinheiro. Com exceção de Rosane, se leva a crer que muitos pouco se importavam com a realidade do Brasil daquela época, o que queriam mesmo, é continuar com seus requintes sem se importar com as demais pessoas. Além do mais, aquele ano de 1991 não fechava tão otimista para o presidente Collor, Villa (2016), destaca que a avaliação de Collor era ainda pior no Congresso. Segundo pesquisas somente 6% dos parlamentares achavam o governo bom ou ótimo, enquanto 58% o consideravam ruim ou péssimo.

E para finalizar o conto, nos é transpassado o seguinte “*Pelo visto, nos deu uma trégua, a mim e a meu companheiro. Ou, afinal, acostuma-se à ideia de que, na casa, cabemos os três*” (FERNANDES, 1997, p. 203), vemos aqui a crítica que indivíduos que praticam tais atos ilícitos depois de não serem pegos acabam os praticando novamente, iniciando o ciclo novamente. Como mencionado anteriormente, essa é uma quietude ilusória, mas também representa o final daquele ano, um ano polemico que acabou de maneira calma, mas com aquele clima de suspeitas no ar.

Portanto, desse modo, para finalizar, a análise desta pesquisa se constituiu, principalmente, em um modo de ler e ver o texto por outro ângulo, que nos permitiu abrir os horizontes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das características marcantes do escritor de Literatura Paraibana, Rinaldo de Fernandes, é sem dúvida, o seu relato denúncia que muitas vezes vem disfarçado em suas criações em cenas um tanto quanto inusitadas ao leitor, que mesmo assim, proporciona uma leitura prazerosa e descobertas, que nos faz viajar entre a reflexão e a imaginação. “*O caçador*” passa a ideia de uma realidade difícil de acreditar que possa existir, mas sua representatividade deixa mais que evidente a sua aproximação com o mundo real. A representação do governo e a vida desequilibrada dos governantes em 1991 fazem com que reflitamos bastante os dois lados de uma realidade até então desconhecida por nós leitores.

Sobre as descobertas que o conto nos propiciou, podemos reforçar a ideia de que um leitor desatento não chegaria muito longe, se não enxergasse a proposta que o escritor, Rinaldo de Fernandes, lhe expõe tão alegoricamente em seu conto. Sendo assim, poder “mergulhar” mais afundo na significação de “*O caçador*” serviu para abriremos nossas mentes como leitores; o que a princípio parecia um conto fora dos padrões considerados normais, mostrou-se uma grande criação crítica de seu escritor, que deixando pequenas pistas em seu texto nos induz a compreender a sua genialidade em sua obra. Compreender o autor que é Rinaldo de Fernandes por meio de seu conto “*O caçador*” foi, sem dúvida alguma, uma tarefa gratificante.

A pesquisa dispõe um valor a mais para com a Literatura Paraibana, já que ela emprega a ideia de diversidade para futuros interessados em conhecer a Literatura Paraibana. Com esse trabalho, buscamos de alguma maneira contribuir para que mais pesquisas surjam para valorizar tudo o que possuímos na nossa cultura ainda desconhecida de muitos pesquisadores.

O aprendizado que essa pesquisa nos proporcionou durante a investigação, foi deveras estimulante, o resgate histórico e a busca pela significação no conto, em riqueza de detalhes serviu para abrir novos horizontes em questão: a análise literária feita em nossa cultura, ser um pioneiro nessa área mal explorada da nossa literatura emprega uma grande responsabilidade e dá um sentimento de satisfação ao contribuir em algo tão grande como a proposta de enriquecer e diversificar a área de pesquisa, e para que isso ocorra, será preciso que pesquisadores criem o ajuizamento de tal ideia. Dar valor a outros autores paraibanos só irá beneficiar as futuras gerações.

Os ensinamentos de Rinaldo de Fernandes em “*O caçador*” nos passa a visão de um gênio por trás de um dos autores de nossa cultura, além do que, depois dessa pesquisa a sua contribuição para o enriquecimento de futuras pesquisas cresce grandemente em nosso meio, como uma das primeiras pesquisas literatura paraibana envolvendo o seu nome no campus III da Universidade Estadual da Paraíba. O autor e sua obra entram grandemente para o nosso acervo de relíquias de pesquisa, Rinaldo de Fernandes tem seu mérito e reconhecimento mais do que merecidos nas suas obras e nessa pesquisa. Sua visão e métodos de escrita serão levados em grande consideração para um destaque dele e demais autores presentes em nossa literatura paraibana.

Por fim, sobre os objetivos de nossa pesquisa, podemos dizer que todos foram alcançados uma vez que conseguimos expor a crítica simbólica por traz do conto e expomos a realidade histórica da política que se agrega a sua realidade e a sua crítica. Desta maneira, expondo e finalizando tudo o que pretendíamos com o nosso objeto de estudo, o conto “*O caçador*”, cremos ter alcançado um patamar aceitável de esclarecimento dos fatores históricos, da crítica do conto, e do seu significado simbólico que abordamos durante toda a nossa pesquisa. Para finalizar, esperamos que tenhamos alcançado um entendimento significativo para os leitores desta pesquisa e que este trabalho lhes sirva como mais um exemplo para valorizar cada autor que faz parte da nossa literatura paraibana.

6. REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 2006. PDF.

CANDIDO, Antonio. **Noções de análise histórico-literária**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005. PDF.

FERNANDES, Rinaldo de. **O Caçador**. In.: *o caçador*. João Pessoa: Editora Universitária, 1997. p. 199 à 203.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do Conto**. 11. Ed. São Paulo: Ática, 2006. PDF.

MALTA, Rosane. **Tudo o que vi e vivi**. Rio de Janeiro: LeYa, 2014. PDF.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007. PDF.

NUNES, José. **Como escreve Rinaldo de Fernandes**. Publicado em 13 de maio de 2019. Disponível em: <<https://comoeuescrevo.com/rinaldo-de-fernandes/>>. Acessado em 08 de novembro de 2019, às 09:10.

VILLA, Marco Antonio. **Collor Presidente: trinta meses de turbulências, reformas, intrigas e corrupção**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016. PDF.